

POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

FRANCIS MARY SOARES CORREIA DA ROSA¹
UNEB

RESENHA

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. 2^a ed. São Paulo: Global, 2009. 103 p.

Na obra *O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira*, o autor Daniel Munduruku, mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, doutor em Educação pela mesma instituição e pós-doutorando em Literatura pela Universidade Estadual de São Carlos, discorre em tom ensaístico sobre o caráter transcultural e holístico da cultura e práticas ancestrais dos grupos indígenas brasileiros, refletindo, inclusive, sobre as possibilidades e contribuições dessa herança ancestral no âmbito da educação, principalmente no que tange a uma prática educativa preocupada e perpassada por uma ética da alteridade.

¹ É aluna regular do Mestrado em Crítica Cultural e Pós-Crítica da Universidade Estadual da Bahia na linha de pesquisa Margens das Literaturas, onde estuda a produção literária de Olívio Jekupé como uma literatura menor. É membro do grupo de pesquisa *Lingua(gem) e Crítica Cultural* na linha Literatura, subalternidade e micropolítica e Teorias contemporâneas: recepção, mapas e poéticas (Diretório 5.0 CNPq). Graduiu-se em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia (2005) e possui Especialização em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2010). Possui pós-graduação (modalidade atualização) em Educação Ambiental pela Universidade Federal da Bahia (2013) e gradua-se em Administração de Empresas pela Universidade Estadual de Feira de Santana e em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. Além de mestranda, cursa pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio (Universidade Federal da Bahia). E-mail: francismrosa@hotmail.com.

A presente edição resenhada – a saber, a segunda edição, publicada em 2009 – encontra-se justamente no bojo das discussões da implantação da lei nº 11.645, sancionada em 10 de março de 2008, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura e história indígena. Neste contexto, a obra desdobra-se em dois momentos ao longo dos seus onze capítulos, que buscam ser um referencial e um suporte aos educadores e interessados em promover um revisionismo histórico sobre o lugar e a imagem dos indígenas na tradição ocidental brasileira e nas próprias instituições escolares, assim como, também, ensaiar um deslocamento dos valores tradicionais ocidentais sobre a educação por meio de uma interação com a percepção holística de mundo dos povos indígenas brasileiros.

Lançando mão de um revisionismo antropológico, Munduruku nos propõe um mergulho na “alma” e “espiritualidade” indígena, ao nos oferecer logo nos primeiros capítulos um ensaio autobiográfico de sua própria condição de ser “índio” – termo que ator adverte ser equivocado e pautado em estereótipos, por isso mesmo sendo substituído ao longo da obra por indígena – demarcando as dificuldades, os preconceitos vividos e como a relação com seu avô foi de suma importância para a compreensão do seu lugar no mundo e de sua própria condição indígena. É aí, justamente em sua própria ancestralidade, presente na figura do avô, que o autor costura o deslocamento necessário para aqueles que querem se aproximar da sabedoria indígena e de seu modo de ser.

Para Daniel Munduruku, a imagem de “selvagem” e de “incapaz” atribuída aos grupos indígenas diz respeito justamente a uma construção etnocêntrica e unilateral da alteridade, e esta mediação é balizada em uma visão de mundo que toma como unicamente válidos os seus próprios pressupostos, relegando aos indígenas uma imagem de um *outro* destituído de história, de escrita, estático em um passado em que foi adicionado mediante sua relação com o colonizador.

Tal concepção foi continuamente reproduzida nos livros didáticos e é, segundo o autor, a principal responsável por fazer gerações acreditarem em uma imagem estereotipada do indígena e, portanto, incompleta, ao mesmo tempo que tomam como positivo o processo de colonização e reforçam um modelo marcado pelo evolucionismo

cultural, por um positivismo acrítico e pelo silenciamento de uma gama de tradições e da diversidade indígena em todas as suas formas: linguística, cultural e histórica.

Desta forma, os capítulos que se seguem destacam o valor que uma relação de alteridade representada na recusa ao lugar direcionado aos indígenas na atualidade (seja nos meios de comunicação, nas obras didáticas, na literatura canônica, no imaginário etc.) e nas relações institucionais e políticas no que concerne ao direito a uma cidadania transnacional que é atualmente negada às nações nativas pela tutela, que desqualifica tais sociedades de possuírem autonomia e autodeterminação sobre seu destino.

Nos capítulos quatro e cinco, que compõem a primeira parte do livro, dedicada a apresentar ao leitor o *corpus* identitário indígena, o autor destaca os pressupostos de uma identidade comum entre todas as sociedades tradicionais, assim como sua forma holística de enxergar o mundo e a natureza. Tal pressuposto, segundo Munduruku, é a compreensão da terra como elemento sagrado e originário de toda a vida, ao mesmo tempo em que o real e o sagrado coexistem em um mesmo plano, colocando a vida em todas as suas formas como presentes da mãe Terra, os grupos nativos a festejam e agradecem tal presente com os cantos, danças e a imitação das cores da natureza na pintura dos seus corpos. Essa atitude de agradecimento, de alegria e respeito a natureza é que alimenta a divindade do mundo, é o que torna a todos o banquete para os deuses.

Para o autor, não somente os que festejam a vida em rituais ou mesmo somente os nativos podem se tornar alimento para o divino, mas também todos aqueles que agem com esperança, que educam com o compromisso ético e transcultural e os que olham para o diferente de si embebidos de outridade.

É justamente este fundamento da alteridade, inspirado pela maneira indígena de educar, que é tomado como pressuposto básico das relações interpessoais e é aprofundado na segunda parte do livro, dedicada a pensar um dispositivo educacional que subverta uma ótica ocidental centrada na compartimentalização e disciplinarização do conhecimento, assim como descaracterização da história individual do educando.

Nos capítulos seis a oito, o autor pontua sobre a necessidade de colocar “os indígenas no centro da reflexão sobre a educação” (2009, p. 66), pois, ao compreender o processo pelo qual as sociedades nativas são discriminadas e ignoradas, pode-se fazer uma ponte sobre a forma que ocorre a educação tradicional no caso brasileiro, onde, segundo o autor, se despreza o outro e se educa para o individualismo extremo e para a dominação da natureza, priorizando a simples reprodução da cultura letrada do Ocidente (2009, p. 79). Desta forma, as sociedades indígenas representam um contraponto a esse tipo de modelo pedagógico largamente reproduzido nos quatro cantos do cenário nacional, pois, mediante o autor, a educação nativa prioriza a necessidade de olhar para fora, de entender o corpo como sagrado e, portanto, parte indissociável da aprendizagem, de encarar o outro em sua diferença e de reconhecer sua ancestralidade e o papel de cada um na continuidade da vida e da tradição.

A fim de esclarecer este possível diálogo entre o modelo tradicional de educação e a maneira de educar das sociedades nativas, Munduruku traz, ao final da obra, em um capítulo intitulado *Sobre piolhos e outros afagos*, sua definição de educação indígena: “A sociedade indígena educa tendo uma concepção holística. Todos educam, todos são responsáveis pelas crianças, fato que impede que recaia sobre alguém – inclusive os pais – o cuidado delas” (2009, p. 80). E ainda complementa mais à frente que é preciso uma educação imbuída de valores éticos, que resgate o poder de fazer sonhar, de educar de forma afetuosa e com confiança tal como deitar a cabeça no colo de alguém e deixar que lhe cate os piolhos. E como ressalta o autor: “...pouco importa se os piolhos são apenas imaginários!” (2009, p. 82). Ao final da obra, encontramos um conjunto de anexos de vital importância para a construção de um trabalho em sintonia com a lei 11.645, com indicações bibliográficas e textos de trabalho de vários autores indígenas.

Daniel Munduruku, nesta obra, assim como em outras produções acadêmicas e artigos, tem como objetivo principal fornecer um material introdutório para que pais e educadores possam dialogar com uma educação transcultural e com compromisso ético. Contribui, desta forma, para fortalecer uma relação de troca de saberes entre povos de

culturas diferentes e de convite a uma constante revisão dos valores antropológicos aos quais estamos acostumados. Abrir mão de um mundo que sacrifica a diferença em busca do significado institucionalizado ou ordinariamente aceito pela tradição não é tarefa fácil para um ocidentalizado.

Como destaca Viveiros de Castro (2010), recusar uma condição de ocidental que nos impede de perceber que cada sociedade postula e busca soluções para seus próprios problemas é um passo fundamental para compreender a falibilidade de um ideal de humanidade, universal e centralizado em seu próprio *anthropos*, que nos impede de aproximarmos-nos de uma relação de alteridade com os outros humanos (e os animais também) em toda sua diferença.

Por isso mesmo, uma obra que procura destronar valores e nos contar um pouco do outro lado é fundamental na tarefa de instrumentalizar uma existência transnacional, de elucidar o *ethos* e a tradição de um povo, de mostrar as possibilidades de existência e as humanidades possíveis.

Referências bibliográficas

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. O Anti-Narciso: lugar e função da Antropologia no mundo contemporâneo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 15-26, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jan. 2015.

Recebido em: 03/03/2015 * Aprovado em: 24/04/2015 * Publicado em: 30/06/2015
